

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

A RELAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA¹ **THE PEDAGOGICAL RELATIONSHIP IN HIGHER DISTANCE EDUCATION**

Lia Micaela Bergmann²

¹ Artigo de revisão desenvolvido pela autora em estudo individual.

² Mestra em Desenvolvimento Regional (UNIJUI).

RESUMO

A relação pedagógica se constitui como o diálogo reflexivo entre docentes e discentes durante o processo de aprendizagem. Há alguns anos, essa relação acontecia somente de modo presencial. Com o advento da educação a distância, esse cenário mudou. Atualmente, ela ocorre mediada pelas TICs, com docentes e discentes ensinando e aprendendo em tempos e lugares diferentes. O presente artigo teve como objetivo investigar qual é a importância da relação pedagógica na educação superior a distância. Para tanto, utilizou-se de pesquisa bibliográfica, a fim de identificar o estado da arte do conceito “relação pedagógica” e relacioná-lo com os outros assuntos. Após a conclusão do artigo, foi possível constatar que essa discussão é relevante, pois demanda a reflexão sobre as práticas pedagógicas adotadas na modalidade EaD e, conseqüentemente, sobre o modo como a relação pedagógica ocorre, bem como, se ela contribui para a formação dos futuros profissionais de cada área do saber.

Palavras-chave: Relação pedagógica. Educação superior. Educação a distância.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o tema educação a distância (EaD) vem ganhando destaque nos estudos da área. Isso porque, se tornou um instrumento de política pública, o qual permite que pessoas, antes sem condições financeiras, tenham acesso à educação superior. A relação pedagógica representa o diálogo reflexivo entre os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem. Anteriormente praticada face-a-face docente-discentes, nos dias atuais, a relação pedagógica é mediada por tecnologias de informação e comunicação (TICs), com professores e alunos desenvolvendo tarefas educativas em tempos e lugares distintos.

Neste contexto, surge o tema deste artigo: a relação pedagógica na educação superior a distância. O problema de pesquisa investigado foi: qual é a importância da relação pedagógica na educação superior a distância? Para tanto, foram definidos três objetivos específicos: i) descrever o estado da arte do conceito relação pedagógica. ii) debater os temas relação pedagógica, educação superior e EaD. iii) avaliar a importância da relação pedagógica na educação superior a distância.

A presente pesquisa se justifica pelas ordens acadêmica, pessoal e prática (MINAYO, 2016). No que diz respeito à ordem acadêmica, percebe-se a oportunidade de ampliar os conhecimentos nesse tema, normalmente discutido na modalidade presencial e relacioná-lo com a educação a

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

distância. Assim, esse estudo pode servir de fomento para futuras pesquisas empíricas, bem como, contribuir para a construção teórica de um novo saber.

Quanto à ordem pessoal, a motivação da autora em realizar este estudo provém de ter atuado como tutora EaD por mais de cinco anos, dos resultados provenientes de sua dissertação, bem como, por ser aluna e egressa de pós-graduação nesta modalidade.

Por fim, esse estudo se justifica pela ordem prática, por se constituir em uma oportunidade de contribuir para um construto teórico que possibilite reflexões a acadêmicos e (futuros) docentes da modalidade a distância.

Este artigo está formatado em cinco capítulos, sendo esta introdução o primeiro. O segundo é a fundamentação teórica, o qual aborda os conceitos de relação pedagógica, educação superior e educação a distância. No terceiro, apresenta-se a metodologia utilizada para a construção deste estudo; e no quarto apresentam-se as considerações finais. Por fim, as referências são apresentadas no quinto capítulo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Relação Pedagógica

Nos cursos de enfermagem, a integralidade é o princípio norteador da prática desta profissão, que tem sido utilizada quase que exclusivamente no cuidado à saúde, mas que apresenta limitações (LIMA et al., 2018). Na formação desse profissional, a relação pedagógica objetiva a construção de conhecimentos e a reflexão das práticas vivenciadas, alinhando teoria e prática profissional. Para tanto, é necessário criar condições para que os futuros profissionais saibam atuar perante situações incertas e conflituosas comuns à área, competência ligada ao processo de reflexão na ação e sobre a ação. Ou seja, dependendo de como ocorre a relação pedagógica entre docente e discentes, os indicativos de integralidade se constituem (ou não) em diálogo reflexivo, acolhimento, construção coletiva de conhecimentos e respeito às fragilidades de cada indivíduo (LIMA et al, 2017).

A relação pedagógica marcada pelo diálogo reflexivo contribui para o processo de ensino-aprendizagem com resultados satisfatórios para docentes, discentes e para as pessoas cuidadas por esses profissionais. Esse assunto é importante para que os “usuários dos serviços possam satisfazer suas necessidades de cuidado” (LIMA et al, 2016, p. 660). Aos docentes cabe a escolha de estratégias que respondam às necessidades dos diferentes contextos e sujeitos implicados no processo educativo.

O espaço pedagógico é um ambiente de relações entre professor e aluno, um produto de quatro mãos e não um somatório de um (aluno) com o outro (professor) (REIBNITZ; PRADO, 2003). A relação pedagógica retrata um compromisso com a transformação das práticas na área da saúde, a qual se torna mais presente à medida que os discentes exercitam as atividades do profissional de enfermagem no campo prático. As situações incomuns vivenciadas permitem o desenvolvimento

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

do pensamento crítico e a tomada de decisões - manifestações de autonomia. A relação docente-discente não pode ser somente um meio de troca de conteúdos, ela deve atuar como um motor que desenvolve e sustenta a relação entre ambos. Para tanto, as atitudes do professor devem contemplar a sensibilidade e a emoção, a fim de fomentar outras formas de pensar e investigar; caso contrário, a relação pedagógica nos estudos da enfermagem se constituirá somente em técnicas sobre teorias (REIBNITZ, 2004).

Já nos cursos de medicina, a relação docente-discente tem impossibilitado um espaço para a subjetividade e para o afeto, em função do predomínio do modelo autocrático e hierárquico; ou seja, aqueles que possuem conhecimento possuem poder (RAMOS-CERQUEIRA, 1997). Desta forma, as marcas desse estilo de aprender são a passividade e atitude acrítica.

Mesmo que o professor tenha como objetivo desenvolver a reflexão crítica dos alunos, a aprendizagem criativa, o ensino ativo e a promoção da individualidade, isso não acontecerá caso a relação pedagógica entre os sujeitos seja de submissão. Esta ocorre quando o professor define o processo de comunicação das aulas, pois ele terá o controle da definição dos critérios de verdade na disciplina que leciona, ensinando ao aluno que “saber é poder” (RAMOS-CERQUEIRA, 1997).

O novo “modelo” de professor, o professor afetivo, é aquele profissional que se desprende de regras, convenções e pressões, tornando-se inesquecível e significativo para todos os educandos que com ele depararem-se, visando uma sociedade menos superficial e mais transparente (NOZES, 2008).

A cultura da reclamação ou “queixumes”, conforme define Stecanela (2015), está presente nas narrativas de docentes e discentes e provoca um sentimento de desconforto na relação pedagógica, a qual acontece em rotas paralelas, com poucas interconexões. Ao invés de uma relação dialógica, tem-se uma relação pedagógica coisificada. Nas queixas dos docentes, encontram-se o desinteresse e desmotivação dos discentes com a escola, a ausência da família no ensino de boas maneiras e respeito às condutas sociais, e o constrangimento e perda de poder em sala de aula, onde os alunos conhecem seus direitos, mas desconhecem seus deveres (STECANELA, 2015). Por outro lado, as queixas dos discentes estão relacionadas às aulas entediantes e desejo de um ensino renovado, em que as práticas pedagógicas estejam em consonância com a conjuntura e com a necessidade de aproximação da escola com os alunos.

Os cursos de formação docente (licenciaturas) apresentam uma lacuna quanto à associação de uma fundamentação teórica com uma instrumentalização técnica (TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2005). Essa associação permitiria a mediação didática do conteúdo científico para uma linguagem acessível aos educandos.

Alonso (2018), ao resenhar o livro *Cyberbullying contra professores: dilemas da autoridade dos educadores na era da concentração dispersa*[1], explica que a relação pedagógica é marcada por tensões e contradições, em que a autoridade do professor foi e continua sendo questionada, sobretudo recentemente com o advento da cultura digital. Isso porque, antes a autoridade do

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

professor relacionava-se com a aquisição de conteúdo; atualmente, esse conhecimento está à disposição do aluno, por meio da ferramenta Google®, também vista como o “grande professor”. Os discentes, quando desprovidos de seus smartphones defrontam-se com os docentes para que o aparelho seja devolvido. Quando “vencem a disputa”, ridicularizam os docentes pelo rompimento de sua autoridade pedagógica (ALONSO, 2018). Assim, o livro propicia a reflexão da transformação da autoridade pedagógica para a autoridade tecnológica.

2.2 Educação Superior

As rápidas mudanças e transformações do mundo globalizado exigem que a educação seja vista, cada vez mais, como importante elemento para o desenvolvimento do país, levando as instituições de ensino superior (IES) a repensarem sua função na sociedade contemporânea (ZOCCOLI, 2012).

Esse cenário demanda um novo perfil profissional, de um cidadão competente e habilidoso, cuja formação está sendo exigida do ensino superior (ZOCCOLI, 2012). É nesse sentido que surge o tema da mediação da tecnologia na educação superior como um processo formativo que levará as pessoas a identificarem a mediação das tecnologias em suas vidas (ROCHA, 2013). Dito de outra forma, significa termos uma relação equilibrada e consciente com as tecnologias, visando uma vida saudável.

Dentro do contexto social, a educação superior é alcançada e suas ações acabam difundindo ideias e interesses do mundo tecnológico e do trabalho; em que compreender essa influência se torna uma apreensão que os docentes devem ter em suas práticas profissionais (ROCHA, 2013).

Ainda existem alguns docentes e instituições que enfatizam as demandas do mercado de trabalho, deixando de lado uma formação superior mais ampla em que essa faceta é importante, mas não única na vida dos sujeitos (SUHR, 2010). O problema disso é abandonar a reflexão e aprofundamento teórico em prioridade a formação rápida que atenda às exigências do mercado.

Para a formação universitária, em sua tradição moderna, expressa a realização dos interesses da sociedade moderna, capitalista e industrial; ou seja, manifesta-se em forma de ideais a serem almejados para a formação de uma sociedade (SILVA; GREZZANA, 2013). Trata-se de preparar as novas gerações com base nos padrões da racionalidade científica e do interesse no progresso.

Nesse sentido, as práticas de ensino na educação superior são instigadas a mudar para uma prática pedagógica cada vez mais inter e transdisciplinar, a fim de que seja relevante e congruente com a complexidade da sociedade contemporânea (SILVA; GREZZANA, 2013). Para tanto, destaca-se o papel da pesquisa na educação superior como uma metodologia de ensino que possui a finalidade social exigida pelos novos tempos, por possuir aplicabilidades científicas, políticas, éticas e filosóficas (SILVA; GREZZANA, 2013).

Com o propósito de cumprir sua função social, a educação superior deve abranger a qualidade do ensino assegurando aprendizagens em diferentes campos científicos, além de preparar os alunos para o desenvolvimento das capacidades (ou saberes) e das competências necessárias à ação

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

profissional, científica e cidadã (SILVA; GREZZANA, 2013). Para tanto, a educação superior deve ir além de “passar informações”, visto que estas estão disponíveis aos alunos em muitos lugares. Nessa concepção, o papel do docente na educação superior é auxiliar o aluno a apreender, ressignificar e se apropriar de forma crítica e criativa dos conteúdos (NOGUEIRA, 2012).

Na medida em que o número de vagas e o acesso para a educação superior aumentou, houve uma fragilização na formação acadêmica ofertada aos alunos, em decorrência de estrutura abaixo das necessidades de formação profissional, despreparo dos docentes para o perfil de aluno que agora possui acesso ao ensino superior e da imposição de racionalização de custos pelas instituições privadas (SUHR, 2010).

A educação superior está mergulhada nas contradições do mercado global, visto que o mercado se tornou a causa da sociedade e a competitividade o fator chave deste acontecimento (DIAS SOBRINHO, 2010). Nessa perspectiva, o autor explica que a educação superior é convidada a produzir as condições básicas para aumentar a competitividade, ou seja, a responder às urgências da economia.

2.3 Educação a Distância

O art. 1º do Decreto n.º 9.057, de 25 de maio de 2017, que regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, conceitua a EaD como sendo uma:

modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos.

Trata-se, portanto, de uma modalidade que facilita o acesso à educação superior, permite a formação, capacitação e inclusão de pessoas no mercado de trabalho, caracterizando-se assim como um instrumento de política pública (SOUZA; FRANCO; COSTA, 2016).

Antes de abordar as características dessa modalidade, é relevante versar sobre os conceitos de tempo e espaço que a influenciam. Os estudos sobre o tempo normalmente iniciam pelo tempo medido pelo calendário (ZARTH, 1999); e os de espaço como uma distância entre dois pontos ou uma grandeza temporal (no espaço de uma semana, por exemplo) (AUGÉ, 1994). Atualmente, esses limites não são mais impostos por determinações físicas, mas sim, por interesses envolvidos; de modo que as pessoas se conectam a distância para conversar, aprender etc.

Deste modo, a flexibilidade é uma característica da modalidade EaD, mas engana-se quem acha que flexibilidade é sinônimo de má qualidade. A desconfiança que existe nesse sentido surgiu,

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

para Both (2012), em função do descontentamento da massa populacional e de suas expectativas de que a modalidade se aproximasse das práticas adotadas no presencial (SOUZA; FRANCO; COSTA, 2016).

No que concerne o papel do docente na modalidade EaD, deve-se compreender que é diferente da modalidade presencial. Isso porque, o docente deixa de ser solitário no planejamento de suas aulas para atuar em uma equipe multidisciplinar (LUZ; FERREIRA NETO, 2016). Desta forma, sua função passa a ser elaborar os planos de aula, as tarefas, o material didático e lecionar; sem que haja, necessariamente, relação direta com o aluno (FARIA; LOPES, 2014).

Assim, à medida em que os docentes passam a atuar nesta modalidade, precisam corporificar a docência virtual, o que implica adquirir novos saberes, como por exemplo, dominar as tecnologias da informação e comunicação, administrar o tempo, escolher conteúdos, métodos e técnicas de ensino adequadas às atividades de aprendizagem etc. Trata-se de uma distinta forma de trabalhar, de organizar o seu tempo e de colocar um limite entre o espaço social, pessoal e profissional (LUZ; FERREIRA NETO, 2016). Para os autores, a EaD exige um docente mediador do conhecimento e um aluno autônomo, a fim de que haja um melhor aproveitamento do processo de ensino e aprendizagem.

Ao abordar o discente desta modalidade, pode-se falar sobre as novas gerações. O aluno que nasceu na década de 90 em diante pode ser chamado de nativo digital, cujo conceito indica um indivíduo que se encontra em um ambiente social permeado por tecnologias (CARLINI; TARCIA, 2010). O nativo digital é considerado alguém que possui habilidades para utilizar os recursos tecnológicos e necessidade de interação constante, seja ela virtual ou presencial. Veen e Vrakking (2009) denominam essa geração de homo zappiens. Para os autores, essa geração considera a escola como apenas um dos pontos interessantes em sua vida, possui um comportamento hiperativo e sua atenção limita-se a intervalos pequenos de tempo; ao mesmo tempo em que quer estar no controle do seu aprendizado.

Ao aproximar esses conceitos ao perfil do aluno da EaD, pode-se dizer que essa modalidade estimula a prática da curiosidade, o que contribui para a autonomia do aluno (DE CASTRO SILVA et al., 2016). Isso posto, o aluno passa a ser sujeito ativo no processo de aprendizagem desta modalidade, o que demanda um papel autônomo e responsável pela construção do seu conhecimento (SOUZA; FRANCO; COSTA, 2016). A autonomia, para Bruner (1969), consiste em um estado em que o discente se torna autossuficiente e não mais dependente do docente.

Em relação ao uso de tecnologias na educação superior a distância, deve-se ter um cuidado para que a aprendizagem ocorra efetivamente (BORGES, 2013). A autora apresenta o exemplo de que os alunos realizam as atividades propostas, valendo-se de ferramentas como copiar e colar, por exemplo, sem que haja apropriação do conteúdo. Essa realidade deve ser uma preocupação constante das instituições de ensino superior. Deve-se ter ciência de que, apesar das expectativas geradas, o uso de tecnologias não representa mudanças nas práticas educativas (QUADROS; SILVA, 2016). Esta mudança depende da forma como a tecnologia é empregada e não dela,

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

propriamente.

Por fim, pode-se dizer que não é só a modalidade presencial que influencia na EaD. O contrário também ocorre, na medida em que tecnologias já consolidadas na educação a distância passam a ser incorporadas nas aulas presenciais (BOTH, 2012).

3. METODOLOGIA

Por artigo, entende-se como uma publicação completa, normalmente de um trabalho maior, mas com tamanho reduzido (ZAMBERLAN et al., 2014). Este artigo é um artigo de revisão, já que resumiu informações anteriormente publicadas, as quais foram discutidas visando responder aos objetivos propostos.

Para tanto, empregou-se a pesquisa bibliográfica, a fim de que a autora fosse colocada em contato com o que já foi escrito sobre os conceitos de relação pedagógica, educação superior e educação a distância (MARCONI; LAKATOS, 2011). As fontes pesquisadas foram basicamente livros e artigos científicos oriundos de base de dados.

A pesquisa na base de dados foi realizada no repositório Scielo, buscando o termo “relação pedagógica”, no índice título. Nesta pesquisa, 14 resultados foram encontrados, sendo escolhidos 13 cujo idioma era português. Dois deles foram removidos por estarem duplicados. Mais um artigo foi retirado pois tinha foco de estudo as crianças. Desta forma, dez artigos foram selecionados para abordar o estado da arte do tema relação pedagógica.

Conforme pode ser visto no quadro 1, dos artigos eleitos, três deles pertenciam ao periódico “Revista Brasileira de Enfermagem”, cujo foco do conteúdo era essa área. Em relação ao ano, a publicação mais antiga é de 1997. As demais publicações são do período de 2003 até 2018. Em 2018, três artigos foram publicados e, conseqüentemente, utilizados neste estudo. Por fim, no que diz respeito aos autores, as autoras Kenya Schmidt Reibnitz (5), Daiana Kloh (3) e Margarete Maria de Lima (3) foram as que mais publicaram artigos, dentro do conjunto de artigos escolhidos.

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Quadro 1 - Pesquisa Scielo

Periódico	Ano
Revista Brasileira de Enfermagem (3)	2018 (3)
Interface – Comunicação, Saúde, Educação (1)	2017 (1)
Texto & Contexto – Enfermagem (1)	2016 (1)
Educação & Realidade (1)	2008 (1)
Educação & Sociedade (1)	2005 (1)
Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte) (1)	2004 (1)
Revista Lusófona de Educação (1)	2003 (1)
Revista da Escola de Enfermagem da USP (1)	1997 (1)
Título do Artigo	
1. Cultura digital e a relação professor-aluno: da autoridade pedagógica à autoridade tecnológica	
2. Diálogo: rede que entrelaça a relação pedagógica no ensino prático- reflexivo	
3. Indicativos da integralidade na relação pedagógica: um design a ser construído na formação do enfermeiro	
4. Relação pedagógica no ensino prático-reflexivo: elementos característicos do ensino da integralidade na formação do enfermeiro	
5. A Dimensão da <u>Afectividade</u> na Relação Pedagógica: as representações de uma turma de 6º ano de uma escola EB 2/3 do Concelho de Loures	
6. A prática pedagógica como processo de comunicação - a relação professor-aluno como eixo: o ponto de vista psicológico	
7. Profissional crítico-criativa em enfermagem: a construção do espaço <u>intersecor</u> na relação pedagógica	
8. Criatividade e relação pedagógica: em busca de caminhos para a formação do profissional crítico criativo	
9. A Coisificação da Relação Pedagógica no Cotidiano Escolar	
10. A relação teoria-prática na formação do educador e seu significado para a prática pedagógica do professor de biologia	
Autores	
Aline <u>Bússolo Corrêa</u> (1)	
Ana Maria Nozes (1)	
Ana Mourão Oliveira (1)	
Ana Teresa de Abreu Ramos-Cerqueira (1)	
Carine <u>Vendruscolo</u> (1)	
Daiana <u>Kloh</u> (3)	
Fabiane Ferraz (1)	
Jussara <u>Gue Martini</u> (1)	
Katia <u>Moroşov Alonso</u> (1)	
Kênia Lara da Silva (1)	
Kenya <u>Schmidt Reibnitz</u> (5)	
Lia Cardoso Rocha Saraiva Teixeira (1)	
Margarete Maria de Lima (3)	
Marta <u>Lenise do Prado</u> (1)	
Nilda <u>Stecanela</u> (1)	
Vania Marli <u>Schubert Backes</u> (1)	

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Após a leitura dos artigos e interpretação do conteúdo de interesse dos materiais pesquisados, a autora iniciou a construção do trabalho. Desta forma, as ideias foram organizadas visando atender aos objetivos do estudo; finalizando com a redação do documento (GIL, 2010).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tão importante quanto o domínio do conteúdo pelo docente, é que este profissional encontre uma linguagem acessível para explicar o conteúdo científico aos seus alunos, o que nem sempre é visto na prática. Nos autores pesquisados, foi possível identificar que nem mesmo as formações docentes estão sendo capazes de suprir esta demanda.

Em algumas áreas, este cenário se torna mais evidente, como é o caso dos cursos de enfermagem. A forma como ocorre a relação pedagógica entre docente-discentes na sala de aula influencia na formação desse profissional. Isso porque, os futuros profissionais precisam aprender a enfrentar situações inesperadas e, para tanto, eles precisam aprender a refletir na e sobre a ação, o que é possível com uma relação pedagógica baseada no diálogo reflexivo e na construção coletiva de conhecimentos. Além de contribuir para estes dois sujeitos, o alcance dessa competência beneficia também àqueles que são cuidados por estes profissionais.

A ausência de uma relação pedagógica constituída de sensibilidade e emoção, nada mais é do que a transmissão de um conteúdo teórico, além de não favorecer outras formas de pensar. Considerando a facilidade de acesso ao conhecimento que existe nos dias atuais, esse tipo de aula não é mais relevante. Nessa perspectiva, é possível falarmos sobre a ferramenta do Google, comumente utilizada pelos alunos nas aulas presenciais e a distância. Com esse ferramental, os discentes não dependem mais somente do professor para adquirir conhecimento, já que existem inúmeras formas de adquiri-lo. A crítica não está na utilização desta, mas sim, em como ela é utilizada a favor da aprendizagem. Isso porque, quando os alunos utilizam as funcionalidades de “copiar e colar”, nem sempre buscam compreender aquilo que estão escrevendo, produzindo uma aprendizagem superficial. Isso posto, nestas situações de aprendizagem, os alunos deixam de desempenhar um papel de sujeito ativo e crítico.

É importante destacar que o desenvolvimento da reflexão crítica somente acontecerá se a relação pedagógica docente-discente possibilitar isso. Dito de outra forma, essa competência não será desenvolvida quando o professor utilizar sua autoridade para definir como ocorre o processo de comunicação em sala de aula. É preciso criar situações de aprendizagem em que a relação dos sujeitos seja permeada pelo diálogo.

Existem alguns fatores que dificultam uma relação pedagógica saudável. Por um lado, encontramos docentes reclamando da falta de interesse dos discentes nas aulas, sejam elas presenciais ou virtuais. Por outro, os discentes almejam práticas pedagógicas atualizadas, próximas às suas realidades e que permitem o uso de tecnologias.

Na educação presencial, a dificuldade está em fazer com que os alunos deixem seus smartphones de lado e prestem atenção na aula. Quando a tecnologia prejudica tanto o aprendizado quanto a

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

relação dos sujeitos, o docente acaba tendo que utilizar a autoridade tecnológica, e não mais, pedagógica. Na EaD, isso também ocorre, mas não é tão perceptível. Isso porque, a dificuldade está em trazer o aluno para a sala de aula virtual, mas não se sabe qual é a razão exata desta ausência.

Entretanto, é importante salientar que a tecnologia não pode ser vista como a vilã da história. As mudanças causadas pela globalização afetam o uso das tecnologias e devemos ter uma relação equilibrada e consciente com elas. Esse contexto de mudanças exige da educação superior um profissional consciente de suas ações. Novamente, os docentes precisam auxiliar os discentes nesta reflexão, fato que nos guia novamente para a relação pedagógica e não somente para o ensino rápido de técnicas, conforme as demandas do mercado de trabalho.

Mas será que isso é possível na modalidade a distância? Possível é, mas talvez isso não esteja acontecendo na prática. Com o aumento do número de alunos nesta modalidade, o docente possui menor interação com eles. A sua comunicação passa a ser mediada por uma tecnologia e, basicamente, via o material de aula. Dependendo do tipo de abordagem utilizada pela instituição e, conseqüentemente, do tipo de interação permitido no ambiente virtual, o discente pode sentir-se desassistido. As estratégias pedagógicas adotadas também contribuem para o perfil profissional que está sendo formado. Afinal de contas, se desejamos profissionais reflexivos, as tarefas disponibilizadas precisam proporcionar esse tipo de reflexão, como vimos anteriormente com os profissionais da área de enfermagem.

Esse tipo de reflexão pode contribuir também para a imagem que alguns alunos ainda possuem de ser uma modalidade que não precisa estudar. Da mesma forma que os docentes precisam repensar a sua forma de dar aula e, principalmente, se relacionar com seus alunos; os discentes também assumem um novo papel na modalidade a distância. A autonomia é uma competência que faz parte deste processo. E, de certa forma, quando nos amparamos nos conceitos de nativo digital ou homo zappiens, pode-se dizer que essa geração já possui essa característica. Isso em razão de que utiliza as tecnologias tanto para interagir com outras pessoas, quanto para buscar respostas às suas indagações. Resta saber se esse empenho é utilizado de forma benéfica aos estudos.

Finalizando este artigo teórico, acredito que a discussão sobre a relação pedagógica na educação superior a distância é relevante, na medida em que nos faz ponderar sobre as práticas pedagógicas adotadas nesta modalidade. Sugere-se que as instituições de ensino superior reflitam sobre as abordagens pedagógicas em que suas práticas estão amparadas e, conseqüentemente, em como a relação pedagógica docente-discentes pode contribuir para a qualidade do aprendizado e da futura prática profissional. Os estudos encontrados no estado da arte deste tema nos deram uma base para realizar essa discussão, mas nenhum deles tinha como foco esta modalidade. Para estudos futuros, sugere-se uma pesquisa empírica que vise identificar como ocorre a relação pedagógica docente-discentes na modalidade EaD em diferentes instituições de ensino; bem como, se ela está contribuindo para a formação profissional dos alunos.

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

REFERÊNCIAS

ALONSO, Katia Morosov. Cultura digital e a relação professor-aluno: da autoridade pedagógica à autoridade tecnológica. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 39, n. 142, p. 173-176, jan. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302018000100173>. Acesso em: 01 jul. 2019.

AUGÉ, Marc. **Não lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BORGES, Karen Selbach. Tecnologia nas instituições não escolares. In: CUNHA, Aline Lemos da. et al. **Pedagogia e ambientes não escolares**. Curitiba: InterSaberes, 2013.

BOTH, Ivo José. **Avaliação:** “voz da consciência” da aprendizagem. Curitiba: InterSaberes, 2012.

BRASIL. **Decreto n.º 9.057/17.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302018000100173>. Acesso em: 01 jul. 2019.

BRUNER, Jerome Seymour. **Uma nova teoria da aprendizagem**. Rio de Janeiro: Bloch, 1969.

CARLINI, Alda; TARCIA, Rita Maria. **20% a distância:** e agora? Orientações práticas para o uso de tecnologia de educação a distância. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010.

DE CASTRO SILVA, Lídia Trindade et al. Percepções de estudantes de enfermagem sobre educação a distância. **Ciencia Y Enfermería**, Concepción, v. 22, n. 2, p. 129-139, ago. 2016. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0717-95532016000200010&lng=es&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 01. jul. 2019.

DIAS SOBRINHO, José. **Dilemas da educação superior no mundo globalizado:** sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento? São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

FARIA, Adriano Antônio; LOPES, Luís Fernando. **Práticas pedagógicas em EaD**. Curitiba: InterSaberes, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, Margarete Maria de et al. Diálogo: rede que entrelaça a relação pedagógica no ensino prático- reflexivo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 69, n. 4, p. 654-661, ago. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v69n4/0034-7167-reben-69-04-0654.pdf>>. Acesso em: 01. jul. 2019.

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

_____. Indicativos da integralidade na relação pedagógica: um design a ser construído na formação do enfermeiro. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 51, e03277, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342017000100452&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 01. jul. 2019.

_____. Relação pedagógica no ensino prático-reflexivo: elementos característicos do ensino da integralidade na formação do enfermeiro. **Texto & Contexto** - Enfermagem, Florianópolis, v. 27, n. 2, e1810016, mai. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v27n2/0104-0707-tce-27-02-e1810016.pdf>>. Acesso em: 01. jul. 2019.

LUZ, Maria Antonieta Mendes da; FERREIRA NETO, João Leite. Processos de trabalho e de subjetivação de professores universitários de cursos de educação à distância. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 265-274, ago. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v20n2/2175-3539-pee-20-02-00265.pdf>>. Acesso em: 01. jul. 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 7ª. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes. **Aprendizagem do aluno adulto: implicações para a prática docente no ensino superior**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

NOZES, Ana Maria. A Dimensão da Afectividade na Relação Pedagógica: as representações de uma turma de 6º ano de uma escola EB 2/3 do Concelho de Loures. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 12, p. 195-196, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502008000200021>. Acesso em: 01. jul. 2019.

QUADROS, Ana Luiza de; SILVA, Rejane Maria Ghisolfi. As TICs na formação de professores: ampliando o conceito de sala de aula. In: NERY, Belmayr Knopki; ZANON, Lenir Basso (Org.). **Tecnologias de informação e comunicação na prática docente em química e ciências**. Ijuí: Unijuí, 2016.

RAMOS-CERQUEIRA, Ana Teresa de Abreu. A prática pedagógica como processo de comunicação - a relação professor-aluno como eixo: o ponto de vista psicológico. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 1, n. 1, p. 187-192, ago. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32831997000200015>. Acesso em: 01. jul. 2019.

REIBNITZ, Kenya Schmidt. Profissional crítico-criativa em enfermagem: a construção do espaço

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

interseção na relação pedagógica. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 57, n. 6, p. 698-702, dez. 2004. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672004000600013&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 01. jul. 2019.

REIBNITZ, Kenya Schmidt; PRADO, Marta Lenise do. Criatividade e relação pedagógica: em busca de caminhos para a formação do profissional crítico criativo. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 56, n. 4, p. 439-442, ago. 2003. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/reben/v56n4/a28v56n4.pdf>>. Acesso em: 01. jul. 2019.

ROCHA, Carlos Alves. **Mediações tecnológicas na educação superior**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

SILVA, Sidinei Pithan da; GREZZANA, José Francisco. **Pesquisa como princípio educativo**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

SOUZA, Simone de; FRANCO, Valdeni S.; COSTA, Maria Luisa F. Educação a distância na ótica discente. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 99-114, mar. 2016. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/ep/v42n1/1517-9702-ep-42-1-0099.pdf>>. Acesso em: 01. jul. 2019.

STECANELA, Nilda. A Coisificação da Relação Pedagógica no Cotidiano Escolar. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 929-946, set. 2018. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v43n3/2175-6236-edreal-43-03-929.pdf>>. Acesso em: 01. jul. 2019.

SUHR, Inge Renate Fröse; SILVA, Simone Zampier da. **Relação professor-aluno-conhecimento**. Curitiba: IBPEX, 2010.

TEIXEIRA, Lia Cardoso Rocha Saraiva; OLIVEIRA, Ana Mourão. A relação teoria-prática na formação do educador e seu significado para a prática pedagógica do professor de biologia. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)*, Belo Horizonte, v. 7, n. 3, p. 220-242, dez. 2005. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-21172005000300220&lng=en&nr m=iso>. Acesso em: 01. jul. 2019.

VEEN, Win; VRAKING, Ben. **Homo Zappiens: educando na era digital**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ZAMBERLAN, Luciano et al. **Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas**. Ijuí: Unijuí, 2014.

ZARTH, Paulo Afonso. Notas para estudo do tempo. In: CALLAI, Helena Copetti; ZARTH, Paulo Afonso. (Org.). Os conceitos de espaço e tempo na pesquisa em educação. Ijuí: Unijuí, 1999

ZOCCOLI, Marilise Monteiro de Souza. Educação superior brasileira: política e legislação. Curitiba: Intersaberes, 2012.

Bioeconomia:
DIVERSIDADE E RIQUEZA PARA O
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

SALÃO DO UNIJUI 2019
CONHECIMENTO



21 a 24 de outubro de 2019

XXVII Seminário de Iniciação Científica
XXIV Jornada de Pesquisa
XX Jornada de Extensão
IX Seminário de Inovação e Tecnologia

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa